

The Door

Maria de Lurdes Sampaio* e Marta Mascarenhas**

Keywords

Fernando Pessoa, A Porta, fiction, perversity, madness, genius, Edgar Allan Poe, English romantic poets.

Abstract

This translation of *The Door* (previously published in the original) attempts to make better known how committed Fernando Pessoa was, at the beginning of the twentieth century, to the writing of fictional texts. And how he also had a preference for non-canonical genres. This text demonstrates as well Pessoa's fascination with the themes of madness and perversion. The "Postcript" added to the translation follows on some previous readings of *The Door* and suggests new ways of interpreting and analyzing it.

Palavras-chave

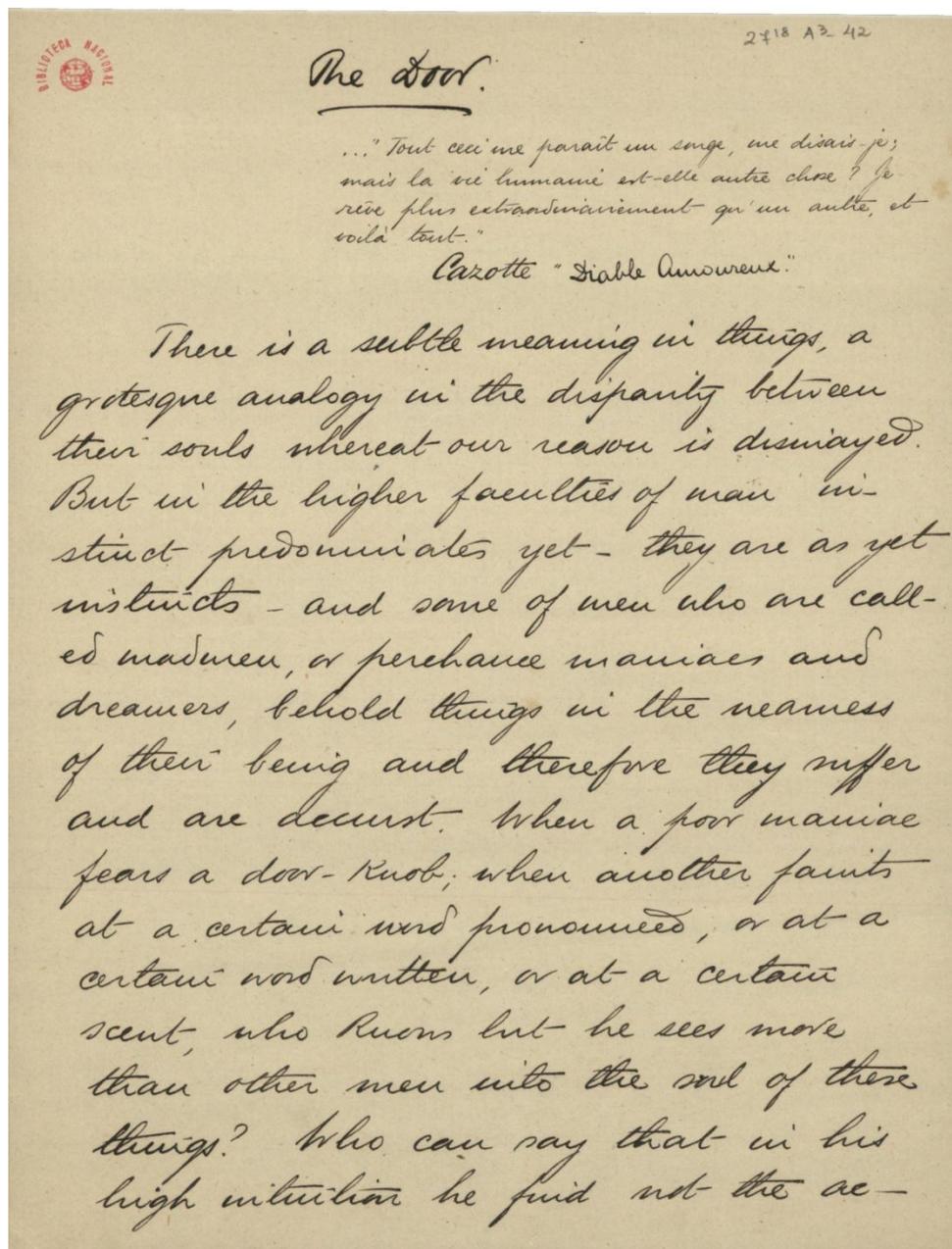
Fernando Pessoa, The Door, ficção, perversidade, loucura, génio, Edgar Allan Poe, poetas românticos ingleses.

Resumo

A tradução de *The Door* (já publicado na sua versão original) procura dar a conhecer melhor o empenho de Fernando Pessoa, nos inícios do século XX, em escrever textos ficcionais, bem como a sua preferência, desde cedo, por géneros e espécies literárias não canonizadas. O texto ilustra também o fascínio de Pessoa pelos temas da loucura e da perversidade. No "Posfácio" que acompanha a tradução (e que retoma algumas leituras já feitas de *The Door*) procede-se a uma análise do conto, procurando evidenciar ângulos de abordagem ainda não explorados.

* Universidade do Porto.

** Universidade do Porto.

Fig. 1. BNP/E3, 27¹⁸ A³-42^r

[Tradução]

Fernando Pessoa

The Door¹

“Tout ceci me paraît un songe, me disais-je; mais la vie humaine est-elle autre chose? Je rêve plus extraordinairement qu’un autre, et voilà tout.”

Cazotte, “Diable Amoureux”.

Há um significado subtil nas coisas, uma analogia grotesca na dissemelhança das suas almas que assombra a nossa razão. Mas, nas faculdades mais elevadas do homem, o instinto ainda prevalece – elas são ainda como que instintos – e alguns dos homens que são chamados loucos, ou porventura maníacos e sonhadores, observam as coisas mais próximas do seu ser e por isso sofrem e são amaldiçoados. Quando um pobre maníaco tem medo de uma maçaneta de porta, quando outro desmaia perante certa palavra pronunciada, ou perante certa palavra escrita, ou perante certo odor, quem sabe se ele não vê mais do que os outros homens para dentro da alma dessas coisas? Quem pode dizer que na sua intuição suprema ele não encontra o âmago de todo o instinto? Como pode ele nada reçar, nada mesmo? Como pode existir uma emoção sem objecto, ou um fenómeno existir sem causa?

Certamente que um puxador de porta, ou qualquer palavra pronunciada, ou qualquer palavra escrita, ou qualquer odor não é, como nós o vemos, algo que possa causar medo. Se um homem encontra nele algo a reçar é óbvio que a vê diferentemente de nós. Respondeis que é nele que reside a diferença, que o objecto, como ele o vê, está nele? Eu respondo que assim é o objecto como *nós* o vemos em *nós*. Prova-o a ciência, prova-o a razão. Cor, peso, luz, som – são relativos. Forma, tempo, espaço – também são relativos. Não existem coisas, mas coisas sentidas. Dizeis que ele é um e que nós muitos? Mas ele pode estar mais desenvolvido do que nós, talvez ele *esteja* à frente de nós no processo de evolução. O primeiro homem que se libertou, de uma forma obscura e débil, sem dúvida, da sina da bestialidade foi um, e os seus semelhantes macacos eram em grande número; era o

¹ A tradução deste conto de Fernando Pessoa, datado de 1906, foi feita a partir dos fragmentos publicados em Fernando Pessoa, *Escritos sobre Génio e Loucura*, ed. crítica de Jerónimo Pizarro, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006, tomo II. Para uma melhor legibilidade do texto, procedeu-se à supressão dos números de ordem atribuídos na edição, bem como dos símbolos usados no texto crítico, com excepção para o que assinala o espaço deixado em branco por Pessoa: □. (Nota das Tradutoras.).

seu conceito do mundo inferior ou superior ao dos macacos do qual tinha saído e perante os quais não passava de mais um?

Pois as ideias normais dos homens diferem das dos loucos ou em natureza ou meramente em grau. Se diferem em natureza, como podemos dizer que são anormais? Por que experiência deles os podemos condenar? Além disso, como podemos estar seguros de que eles não são a primeira aparição de uma nova forma de vida intelectual? E, além disso, é esta hipótese sustentável de todo? Pode algum homem diferir de outro homem na natureza das suas faculdades? Não. E se a diferença for apenas de grau, uma vez que todas as nossas concepções e percepções das coisas diferem de homem para homem, poderemos dizer onde está um louco? Fosse todo o homem juiz, e todos os outros homens seriam loucos. E se se disser que entre os homens normais há pouca diferença, mas muita diferença entre um homem normal e um homem que enlouqueceu, tudo o que tenho a dizer é que onde há apenas graus não pode haver distinção. *Este* homem é normal, e este outro homem é também normal, pois difere dele em muito pouco; e este terceiro homem também, porque ele pouco difere do *segundo* homem, que é normal, e, sucessivamente, em graus imperceptíveis, sendo todo o homem normal, até que nós, comparando o último homem que achámos normal com o primeiro, aquele de que partimos, achamos que eles estão tão distanciados como o estão o “louco” e o “homem normal”. Que podemos então dizer acerca dos loucos? Podemos dizer, sem erro, que eles erraram? Podemos afirmar com toda a convicção que estes seres infelizes, pelos seus delírios e pelos seus medos, não estão mais próximos das mais que razões e mais do que causas enraizadas no espírito das coisas?

Uma esperança permanece, porém, à luz da evolução e do progresso, de que aquilo que é instinto no animal se tornou em nós pensamento e consciência, o que agora é em nós instinto sofrerá uma similar transformação no sentido do ser ideal e mais elevado em que almejamos tornar-nos. A raça do amanhã compreenderá. O dia da compreensão ainda não chegou.

Aqueles que em instinto ultrapassam a sua escala de evolução, aqueles cuja revolta forçada contra a normalidade tocaram intimamente e sem conhecimento o mistério do universo, porque é que não podem eles saber mais do que isto – que eles sentem e que por esse motivo estão amaldiçoados. Se um cão pensasse como nós (hipótese impossível), não o considerariam os seus irmãos uma companhia doente, não o afastariam por acaso, possivelmente não o matariam? Fá-lo-iam (quem duvida de que eles o fariam?), – porém, a sua vítima estaria mais próxima da verdade. O mesmo se passa connosco. E certamente como o animal que imagino mergulharia interiormente em mil complicações e horrores perante a presença de um novo elemento em si, para além da sua natureza, aqueles que sabem mais do que os seus irmãos humanos são dilacerados por medos invulgares, assombrados por fantasmas e por sonhos. E, tal como o cão, pela sua baixa condição em relação ao seu instinto humano, pensando, não saberia que pensava, apenas *sentiria* que

pensava, mesmo assim, eles, os loucos, sabendo algo mais do que os outros sentem que sabem apenas por horrores que não podem ser ditos, por medos que não podem ser nomeados.

Um homem que tem medo, tem medo de alguma coisa; um homem que deseja, deseja alguma coisa, por muito obscura que seja a sua compreensão do seu medo ou do seu desejo. Quando o que um homem receia, odeia, deseja é uma coisa que podemos compreender como um objecto ou como uma causa desses sentimentos, algo que podemos recear, odiar, desejar, nada mais dizemos desse homem senão que ele tem medo, odeia, deseja. Mas quando o que um homem receia, ou deseja, ou odeia, é uma coisa que não podemos compreender como um estimulante da emoção, ou que deveríamos ser incapazes de recear, de desejar ou odiar, declaramos esse homem louco. Como tudo isto é falacioso e falso! Que raciocínio de perfeitas bestas! Imaginem um homem amável e bem educado, que é conhecido como tal, e eu, que o conheço melhor, estou consciente de que ele é mau, assim sendo sem dúvida o seu carácter. Quando eu vos digo que ele é mau, eu parecerei um louco, e isto porque eu vejo mais longe do que vós. No entanto, eu não compreendo mais do que a verdade, mas são vocês que compreendeis menos. Persuadi um homem saudável que não tenha conhecimentos de química de que a água é composta por dois gases. Conveneci um negro inteligente de que o sol não se move na abóboda celeste. Não conseguis. O que um homem vê, tanto física como mentalmente, acredita e o que não vê não acredita. Um homem acredita na medida em que vê e nada mais. No mundo físico há decerto telescópios e microscópios que ajudam qualquer um, que dão os meios para se ser convencido. No mundo moral não há nem telescópio nem microscópio nem arte de espécie alguma para ajudar aquele que não vê suficientemente. Os olhos do intelecto – infelizmente para eles! – não têm oculista. Eles vêem como foram feitos para ver.

Não digais então que alguém que se arrepia perante uma unha, alguém que se perturba perante um sapato, alguém que tem horror a espaços vazios, é louco. Não digais que o místico delira, nem que *nada* segue o homem que diz ser perseguido. Não digais nada, porque, em primeiro lugar, não sabeis – porque ninguém pode dizer – o que é ser louco, e, em segundo lugar, os estados de alma desses homens estão à nossa frente e porque vocês são relativamente cegos, relativamente com falta de sentido. Nem digais sequer que as fantasias mais selvagens, que os sonhos mais extravagantes são falsos. Não, porque eles são verdadeiros, verdadeiros como o sol e as estrelas, verdadeiros como o mundo que conhecemos e que é nosso amo.

Porque nós não sabemos quem sonha, nem como ele sonha, nem que sonhos são ou o que significa sonhar. Alguns parecem sonhar mais do que do que nós, e são chamados loucos; no entanto, nós mesmos sonhamos, e eles, sonhando mais, sonha menos quem se esforça por apagar de todas as coisas a mácula da sua concepção.

Ora o castelo tinha muitos corredores e num deles, que não se distinguia por nada, que era absolutamente igual aos outros, havia uma porta que também não era diferente, uma das quatro – era exactamente como elas, e como todas as portas no edifício, que não era pequeno. A sala a que esta porta pertencia era tão insignificante como a própria porta. A única ideia que quero imprimir na mente do leitor é a da insignificância total do corredor, do quarto e da porta; quero que ele saiba que nenhum dado de natureza privada ou histórico tornava a porta horrível ou misteriosa. Mais terrível, por isso, é a história que tenho para contar.

Passei os anos da minha infância e da minha primeira juventude no Castelo. A minha imaginação tinha pouco de histórico; neste sentido pouco me importava o edifício; como artista, eu observava algumas partes com alguma admiração, contudo o efeito do Castelo na minha imaginação era comparativamente pequeno, muito menor do que poderia ser esperado. *Excepto num pormenor* – um apenas – que passarão a saber, eu não sou o que se costuma designar por perverso, e devo acrescentar, o meu carácter pouco tem de impulsivo e primitivo. Tenho a impassibilidade do homem culto associado à sensibilidade do espírito artístico. Não vejo, por isso, qualquer razão para o que vou contar.

Disse que fui educado no velho Castelo, que aí permaneci até à primeira juventude. Assim é, e a primeira memória que tenho da infância é de mim próprio aos pontapés na porta de que tenho falado, de lhe dar, impulsivamente, *um pontapé com o meu pé direito*.

E este é o único fenómeno de natureza impulsiva ou perversa de que consigo lembrar-me na minha vida. Que era desta natureza não me resta qualquer dúvida. Entrei na juventude mais tardia e sempre que passava pelo corredor, depressa ou lentamente, em estado sonhador ou em pleno juízo, apoderava-se-me de mim um impulso que não conseguia controlar, que acabava sempre por concretizar com um pontapé na porta com o meu pé direito. Nas minhas brincadeiras infantis, quando muitas vezes fugia desta passagem, seria apanhado e perderia o jogo, porque parava para dar um pontapé na porta. Às vezes, ao correr rápido, tentava acertar na porta – se falhava – pior, voltava atrás para o dar sempre com o meu pé direito. Lembro-me bem de um incidente que ilustrará a estranheza deste impulso. Um dia, o meu pai, por causa de uma qualquer partida que tinha pregado, arrastava-me pela mão para o seu quarto para administrar o castigo que eu merecia. Passámos pela porta, eu no lado mais afastado. Comecei imediatamente a arranhá-lo, a dar-lhe pontapés e a mordê-lo – um acto que vindo da minha parte para com ele era mais do que extremamente anormal. Tanto arranhei, tanto bati, tantos pontapés dei que o meu pai foi obrigado a soltar-me. Dirigi-me à porta, dei-lhe um pontapé e voltei para junto dele com a minha habitual docilidade usual e timidez perante o castigo. O meu pai nunca compreendeu claramente a razão desta revolta sem precedentes.

Na minha juventude mais tardia e na minha primeira adolescência mais tardia, quando o manto do ser material já me tinha caído, singular impulso para dar pontapés na porta começou a dar-me matéria para inquieta especulação. A natureza extraordinária e perversidade deste acto desgastava-me pelo seu mistério. Comecei a fazer experiências em mim próprio.

Anteriormente, porém, tinha tentado dominar esta ânsia, sempre sem efeito. Nunca consegui passar pela porta sem lhe dar um pontapé, qualquer que fosse a minha ocupação, quando passava por ela, por muito distraído que estivesse quando atravessava o corredor. Na infância o impulso era puramente inconsciente; não era a idade da razão. Na juventude, com uma maior auto-consciência, o impulso foi posto à prova, sem dúvida inutilmente, pela firmeza; foi observado com admiração, por vezes de forma divertida, pelo intelecto vigilante. Na adolescência, este assumiu outra forma, por necessidade.

Quando a adolescência chegou – repito – com plena auto-consciência, e com o meu intelecto praticamente desenvolvido – pois aqueles que possuem o meu carácter são precoces no desenvolvimento intelectual – comecei a indagar a razão de ser deste impulso e os meus sentimentos começaram a mudar. O singular impulso, volto a dizer, começou a dar-me motivos para inquieta especulação. O sentimento de admiração tornou-se sentimento de medo. Já antes tinha tentado controlar esta estranha forma de perversidade; agora, examinava-a, analisava-a, fazia experimentações com ela. Tentaria controlá-la; mas nunca consegui passar a porta sem lhe dar pontapés. Tinha tentações horrendas para lhe dar pontapés com o meu pé esquerdo ou para lhe dar pontapés mais do que uma vez; mas sempre um medo de não me controlar me travou e a minha acção não diferia de forma alguma da minha acção habitual. Eu disse uma “tentação horrenda”; assim me parecia no momento do impulso, embora no meu Eu habitual, eu a encarasse como uma simples experiência. Mas quando o impulso se apoderava de mim, a intenção afundava-se no medo e um terror horrível e desconhecido impedia outra acção que não fosse a movida pelo impulso – um medo de algo desconhecido e vago, tanto mais horrível quanto a razão e a causalidade eram impotentes contra a causa do pânico.

A porta começou a obcecar-me; comecei a receá-la e a dar-lhe o habitual pontapé como uma superstição: o escravo reza e sacrifica-se ao Deus que desdenha, mas que receia demasiado para que se lhe oponha. Eu abria a porta com uma sensação estranha na minha pele e deixava a sala muito rapidamente. Não tinha qualquer vontade de entrar na sala à noite. Eu dava um pontapé na porta, entrava a tremer, caminhava não muito rapidamente, com os olhos semicerrados e ansioso, e olhando em frente voltava a dar pontapés na porta e dirigia-me a correr para qualquer outra parte da casa para onde tinha de ir. A horrível possibilidade, temível mesmo na sua indefinição, caía em cima de mim com unhas e dentes; esta é a forma comum do medo profundo – o medo das coisas desconhecidas.

Várias vezes me interroguei sobre qual poderia ser a causa disto. Que tinha a porta em si mesma, sendo tão comum, que eu tremia de a ver? Tinha a porta também uma Alma que tivesse alguma influência na minha alma? Decidi não lhe dar mais pontapés; decisão sensata, como eu pensei. Inútil, contudo; mal chegava o momento e o impulso crescia, qualquer tentativa de resistência tomava absoluta e definitivamente a forma de uma tentação, de uma ideia sacrílega e mais do que vil. O que tinha sido, naturalmente, tão racional, tornava-se agora pecaminoso e de realização inconcebível.

Meditei sobre a minha anormalidade e encontrei-a com alguns tipos de distúrbios nervosos. Infelizmente! A explicação era bastante simples, mas para mim, deploravelmente insuficiente. Podeis dizer a um megalómano que a megalomania é uma monomania comum e facilmente explicável; para ele, é algo bem mais profundo e mais real e mais verdadeira. Nós, no nosso contentamento, temos não sei que ideia da alma do louco. Observamos a manifestação e concluimos que há uma grande diferença em relação a nós – diferença na coisa manifesta. Para ele, para o louco.

Infelizmente! Podemos classificar, mas não podemos explicar. Podemos declarar que um homem tem certa doença, certa mania; se formos frenologistas podemos dizer que ela se deve ao desenvolvimento anormal destas ou daquelas convoluções; podemos classificar, conjecturar – nunca explicar. Infelizmente, para o materialismo e para a ciência! A explicação destes pequenos pontos, de todos estes triviais □ da medicina e da □, está inextricavelmente ligado com a explicação do Tempo e do Espaço, com a matéria e o espírito, com a Relação e o Absoluto. Por isso, qual a utilidade de saber que eu era um nevrótico ou um neurasténico, ou qualquer coisa similar – isso são nomes, classificações, *não-entidades*. Oh! Em nome da razão das coisas!

Um homem tem receio de uma chave, de uma rosa, dos olhos de um cão; desmaia com o som da palavra “olha” ou fica enjoado com o cheiro de queijo, ou estremece perante uma certa espécie de riso; dizemos que ele é louco. Louco! Mas o que significa ser louco? O génio é uma loucura – ou no mínimo uma perturbação nervosa – o crime é uma loucura □

Não bem assim, quanto mais anormal, mais possibilidades de verdade; já não (por que não dizer as palavras?) quanto mais anormal mais verdadeiro.

Por exemplo, dificilmente as pessoas troçam mais de algo do que dos fenómenos espiritistas; e no entanto, a sua troça é simultaneamente estúpida e não científica. Riem-se do sobrenatural; classificam-no como anormal, citam-no pela sua invulgaridade, ou seja, a invulgaridade do fenómeno. Inteiramente errados!

Mas a atracção mais do que horrível da porta começou a pesar no meu espírito. Esforcei-me por me libertar da sua influência, mas não tinha firmeza para o fazer. Esforcei-me por quebrar as leis ocultas e horríveis da minha obsessão, mas

não tinha coragem para o fazer. Por fim, tinha chegado a um tal estado que nem conseguia impedir-me de caminhar em direcção à passagem onde se encontrava a porta, embora pudesse escolher dois ou três desvios para alcançar a parte da casa para onde ia. O magnetismo infernal da porta tinha-se estendido à própria passagem. Esforcei-me por não ir por aquela passagem, quando existiam dois ou três desvios, e um deles mais curto; a princípio conseguia, mas quanto mais pensava que não deveria, que *não podia* atravessar a passagem, mais eu a atravessava, até que por fim a seguia sem hesitação visível, com a minha alma instável e cambaleante, enlouquecida pelo medo e oposição que esta me provocava.

Tinha, nesta altura, cerca de vinte anos de idade. Muitas vezes viajava para a capital e lá permanecia. Quando regressava ficava sob o poder da porta. Por isso, tentava ficar longe; mas logo para meu imenso horror, mesmo em Londres dava comigo atraído pelo próprio castelo. A porta tinha estendido o seu poder ao Castelo. Eu odiava e receava a porta. Não gostava do castelo; mas não conseguia manter-me afastado deles. Não conseguia forçar-me a pensar no Castelo, se pensava, esse era um pensamento a dissuadir, ficava imediatamente preso. Finalmente, ao fim de algum tempo, não conseguia viver longe do Castelo, nem aí longe da passagem, nem aí longe da porta. Eu lia, meditava, sonhava, ao atravessar aquela passagem, dando pontapés à porta com o meu pé direito sempre que passava lá. Podia eu, perguntais, entrar no quarto? Não, o interior do quarto não me interessava; era o lado exterior – o que conduzia à passagem – que estava a destruir a minha mente e o meu espírito.

As obsessões tornaram-se maiores. As minhas faculdades mentais sofreram; a minha memória e a minha atenção estavam fortemente enfraquecidos. Profunda e irrazoavelmente, no meu íntimo, eu via a porta como uma pessoa.

A minha perturbação mental com esta atracção é pouco passível de análise. Podem já ter ouvido ou lido sobre a faculdade da mente humana a que Poe chama “perversidade” e a qual, afirma ele, ser certamente uma característica tão humana como qualquer motivação ou faculdades mentais. Poe estava simultaneamente errado e não errado; mas ele negligenciou analisar esta faculdade com persistência e com cuidado.

Coloquei a mim mesmo várias questões: qual era a alma da porta? O que era a porta? Como é que era ela misteriosa? Dia e noite eu passava na passagem; jantava rapidamente, fingia-me doente, afastava-me da sociedade (que eu não amava) para estar na passagem e poder dar pontapés na porta. Se eu não me transformasse numa pessoa que não há palavras que possam descrever, dizia para comigo, o que poderia fazer a porta? Não ficaria zangada? Não aconteceria algo demasiado horrível para ser dito? O medo que sentia da porta tornou-se maior do que todos os medos humanos, a atracção ultrapassou todas as atracções humanas.

Rapidamente a atracção aumentou. Não ousava dormir no quarto, não ousava permanecer lá um minuto; rapidamente já só podia ver o puxador da porta. Havia talvez qualquer coisa de horrível por trás da porta.

À noite trazia uma cadeira para a frente da porta; dormia lá, não conseguia dormir na minha cama. Dormia na cadeira em frente da porta; se não adormecia imediatamente, levantava-me várias vezes para dar pontapés na porta – com o meu pé direito naturalmente – para que a porta não se zangasse ou para que nada acontecesse, ou por qualquer razão obscura que me parecia ser desta ou daquela espécie, pois me causava medo, e medo como se fosse um indivíduo, e tal medo só pode ser explicado nos seguintes termos. Um medo horrível apoderou-se de todas as coisas que tivessem uma relação com a porta, pelo facto de estar longe dela; mas o medo de estar perto não era menos horrível. Fiz com que um criado dormisse algures por perto; não me recordo das desculpas que dei; não me importei se acreditavam nelas; o que □

Fiquei cada vez mais fraco e doente e caminhava para a morte dia após dia, □

Terão reparado que ao longo da minha história mostrei ter considerado a porta como uma espécie de entidade pessoal. É verdade, o maior horror de tudo é que os meus receios acerca dela eram de algum modo como os medos dos espíritos que alguns nunca conseguem controlar, como o medo de Deus nos mais devotos. Havia dois elementos no meu medo e atracção pela porta – personalidade e mistério, imprecisão, desconhecimento. Era, permito-me dizer, algo como o horror e fascínio pelo abismo. Mas era mais horrível, pois a este mistério e indefinição vinha juntar-se o carácter de personalidade. Neste aspecto, era tão horrível como o medo dos espíritos. Mas era ainda mais horrível, pois a todas estas sensações de mistério, de vaga atracção, de vago medo, aliava-se uma ainda mais vaga e mais horrível sensação de personalidade atribuída a algo tão material, tão risivelmente comum como uma porta, e nesse sentido, em relação a isso, horrível para além de qualquer descrição.

Há uma coisa que o leitor podia perguntar, e com razão, que é o seguinte – que espécie de pontapé era aquele que dava à porta, era um pontapé zangado, um □

Não era nenhum desses, pensei primeiro, era um pontapé impulsivo. Mas logo tive de modificar esta opinião; e mudei-a para esta: que o impulso não estava no pontapé, mas na emoção, ou sentimento ou sensação que a produziu. Foi com horror que descobri que era um pontapé conciliatório. E, contudo, não era bem assim.

O pontapé que eu dava à porta pode ser comparado com qualquer coisa; mas fiz algumas comparações que ilustram suficientemente o seu significado. Eu parecia um homem fadado a beijar a boca de uma caveira.

Contudo nenhuma comparação pode dar bem a ideia da influência que a porta tinha sobre mim.

O meu desequilíbrio mental sob influência desta atracção é pouco susceptível de análise. Já o disse – não se pode explicar. Dir-lhes-ei agora as razões por que o meu □ não pode ser explicado. Primeiro, há isto, que no meu espírito, durante este estado, a causa e o efeito facilmente se confundiam, de modo que era impossível toda a análise. Havia dois elementos na minha doença: a atracção e o medo. Ora, acho impossível determinar, em primeiro lugar, se o medo que eu tentava analisar era realmente o produto da própria atracção, ou da análise; o que necessariamente, sendo uma faculdade lógica e humana, seria obrigado a ter um significado humano, mais ou menos lógico para além daquele que não tinha significado nenhum, ou um significado obscuro, na melhor das hipóteses.

O medo que acompanhava toda a atracção e repulsa em relação a este objecto era indefinido e indefinível. Entendo, por isso, que o seu objecto também é – deve ter sido – indefinido e indefinível. Todo o medo humano parece indefinido, mas pode facilmente ser reduzido a objectos muito definidos. Há, acima do medo do desconhecido, do possível – o medo de alguém num quarto escuro: isto é a *incarnação do medo*. Mas em mim, em relação à porta, não era assim. O meu medo era certamente de algo desconhecido, mas tinha esta particularidade que se transmitia ele mesmo através da porta e era acompanhado por um sentimento semelhante ao medo de um indivíduo. Esta é a melhor forma de o descrever; se o leitor percebe ou não, não posso ajudá-lo melhor.

Vou continuar a minha história. Chegou uma altura – tinha eu vinte e dois anos – em que me tornei tão fraco e tão □ que a minha família me levou à força para um país estrangeiro. No caminho, escapei-me, fraco e doente como estava, e regressi ao castelo para dar pontapés na porta com o meu pé direito. Encontraram-me no castelo: tornaram a levar-me e desta vez não consegui escapar, embora eu tremesse de medo só de pensar em não prestar tributo à porta.

Recuperei lentamente; os meus pensamentos sobre a porta eram poucos ou nenhuns. A minha família regressou e deixou-me ao cuidado de alguns amigos de quem eu próprio era muito íntimo. Com esta família entrei de novo no país para ficar em casa deles, tão distante do Castelo, como só duas casas podiam estar no país. Aqui, com saúde e sossego, com o amor da filha dos donos da casa, com um conforto maior do que tudo passei o meu tempo, passeando com a minha amada, lendo para ela, aquecendo à luz da sua invisível presença divina.

Numa bela noite, enquanto passeava lá fora com ela, de braço dado, ela atreveu-se a fazer-me uma pergunta que sempre se evitava em todas as conversas comigo. Perguntou-me qual tinha sido a causa da minha fraqueza. Aqui tenho de fazer notar que embora a minha família me tenha frequentes vezes perguntado, ou tenha indagado junto de outros, observado e tentado por todos os meios ao seu dispor, nunca tinha conseguido sequer aproximar-se da verdade. Nem era fácil –

reflictam sobre isto – saber pela observação o que abalou o meu espírito; indagações junto de outros apenas conduziam a uma intensa mistificação. Perguntar-me a mim nunca serviu de nada; porquê, perguntareis? – porque eu não revelava a verdade, apesar da minha natureza mais que franca. Sentia, é verdade, uma certa timidez em dar uma explicação tão extraordinária, que não teria qualquer hipótese de ser acreditada, nem de escapar ao nome do absurdo. Dar uma tal explicação significaria dar-me o rótulo de louco.

Mas, mais profundo do que estas razões era um horrível e inexplicável medo – o mesmo que me me prendia à porta e me mantinha afastado dela que estava a devastar toda a minha vida. Não era que eu não dissesse – não podia dizer.

Mal ela me fez esta questão senti-me enlouquecer.

Foi a porta,” respondi, tremendo lamentavelmente, “foi a porta, foi a porta.”

“Mas que porta?”, perguntou-me atónita, “onde está?”, “Que espécie de porta é essa?”

Mas uma mudança operara-se em mim; a lembrança da porta, o imaginá-la prendera-me na sua horrível garra. A loucura começou a apoderar-se de mim, debatia-me com a atracção, empenhei-me totalmente na luta contra a atracção. Louco que eu era, por isso a atracção tornou-se mais forte, preeminente, única. A concentração da minha mente em lutar contra ela causou (como posso dizê-lo?) uma horrível identidade entre o impulso e a vontade. A atracção pela porta, horrível, misteriosa, desconhecida, tornou-se simultaneamente o motivo compulsivo legítimo e o motivo de contradição. Como as pessoas histéricas sentem uma necessidade suficientemente horrível para se contorcem, para se esticarem, para se rirem apesar da razão e da vontade, assim eu senti um impulso horrível e incontrolável, que se fortalecia pelo facto de se tornar um motivo de contradição, de fugir dali imediatamente, imediatamente em direcção à porta, com que motivo, com que intenção não sabia, apenas sabia isto: havia um motivo obscuro e imperceptível em mim, e lembro-me de reear o motivo ao mesmo tempo que agia de acordo com o seu nervoso imperativo. O que a mulher histérica sente sentia-o eu – intensificado e aumentado pela “indistorção do corpo”, pela singularidade, pelo horror, o insólito da atracção. Eu disse “indistorção do corpo”; quero dizer que não me contorcia como os histéricos o fazem, nem me espreguiçava, nem ria de qualquer modo. Mas, como todas as doenças nervosas e misteriosas, o impulso estende-se pelo corpo. Eu ansiava por me mexer, por correr, por me cansar, por me matar, por martirizar o meu corpo, por infligir dor a mim próprio. Era a materialização do estado nervoso.

Tivesse ela, gentil como era, ousado segurar-me, por muito que eu a respeitasse, e ter-lhe-ia dado pontapés, derrubado com uma alegria selvagem, um contentamento no uso dos braços e das pernas, um absurdo *nervosismo* de acção,

tanto mais glorioso por ela ser fraca, sendo mulher, e devendo sentir agudamente a dor.

O que se passou foi o seguinte. Eu contorci-me, bati com um pé no outro, dei de propósito uma canelada a mim próprio, mordi os lábios e acabei por dar na minha própria mão uma mordidela furiosa e horrível. Então a verdadeira acção física acometeu-me. Atirei com ela com brutalidade, ela a chorar piedosamente, julgo. E eu desatei a correr através do campo num passo firme e horrível, um horrível microcosmos de sensações. Talvez seja sintomático desse momento que eu tenha corrido para a mais distante das duas estações, porque o seu nome me ocorreu por ser mais longe. Talvez fosse para correr mais por qualquer horrível razão. Mas eu não faço mais do que inventar estas razões. Quem sabe a razão daquilo.

Estragarei a porta – não □

Estes eram os meus sentimentos. Assim, meio inconsciente com um horror desconhecido, levantei o meu pé esquerdo e dei um pontapé na porta.

Tivesse eu ficado paralítico, tivesse eu caído morto, oh que eu nunca tivesse nascido para não testemunhar o que vi.

Como poderei descrever o que aconteceu? Como encontrar as palavras?

Mal o meu toque com o pé esquerdo – um ligeiro toque – atingiu a porta, então o seu ferrolho levantou-se – horror! – sozinho, e a porta rodou para trás lentamente, tendo em cada segundo da sua lentidão uma total eternidade de medo, dor, ansiedade □ Cambaleei apoiando-me à parede, morto de medo. Oh tal não aconteceu, nem fiquei louco!

O que então aconteceu – horror dos horrores – aconteceu em poucos segundos, aqui não posso senão descrevê-lo nalguns minutos – para mim aconteceu numa eternidade total de medo inanimado, de expectativa de estátua.

A porta abrindo-se lentamente deixou ver a minha esposa a dormir na cama como o meu filho.

Rapidamente, contudo, o chão começou a tremer. Um terramoto – nunca tinha havido terramotos na região – um terramoto. Atingi o ponto mais alto do vívido medo que os seres humanos podem atingir.

Houve um barulho de uma tempestade longínqua. A parede do quarto ruiu sobre a cama, houve uma espécie de raio, que não era senão a entrada da luz exterior no quarto.

Esse raio enraizou-se profundamente no meu coração. Esse pequeno trovão despedaçou o meu coração. Não podeis imaginar o esgar diabólico do raio, a nulidade do furtivo, humano e inumano som do ribombar do trovão. Havia algo mais do que o abrir de uma fenda na parede naquele flash; naquele raio havia algo mais do que som – havia nele – senti-o no paroxismo – o espírito da porta, a incarnação da porta – a essência da porta, o númeno, a própria porta.

A parede caiu. Tudo isto num segundo. A parede, dizia, caiu. Ousaria dizer que caiu num segundo. Contudo para mim, de todo o tempo contido em qualquer eternidade, mais do que o terror sobrenatural, houve um movimento tão lento nas paredes que, julgo, elas nunca caíram, e no entanto tinham efectivamente caído. Uma vez mais, uma vez mais, na queda das paredes havia o espírito da porta, o Desconhecido, o Inconcebível, o Abstracto, a Coisa.

Neste momento eu estava seguramente são; porque seria de outro modo, deveria, no paroxismo do meu medo, e no meu paroxismo de eternidade aterrorizada, enquanto observava as paredes que inexplicavelmente para mim caíam e não caíam, como parecia – ora, pensar no Aquiles de Zeno e no argumento da tartaruga contra o movimento.

As paredes, digo-lhes, caíram. Caíram certamente. Caíram sobre a cama e partiram-na. Uma parte reduziu a nada o corpo formoso da minha esposa; uma parte (maldição, esquálido □) esmagou o corpo do meu filho a nada, a uma massa, a matéria podre, a lixo inerte, a pó, a matéria, a matéria, a matéria.

O que foi, delírio ou sonho, que no fim me enlouqueceu? Nada; era verdade um facto – que, como a parede caiu sobre a minha esposa, sobre o meu filho, eu ouvi o som do esmagar dos corpos, dos ossos, carne, tudo, inteiro, e *nesse som estava escondida a natureza secreta da porta.*

Tradução de Maria de Lurdes Sampaio e de Marta Mascarenhas

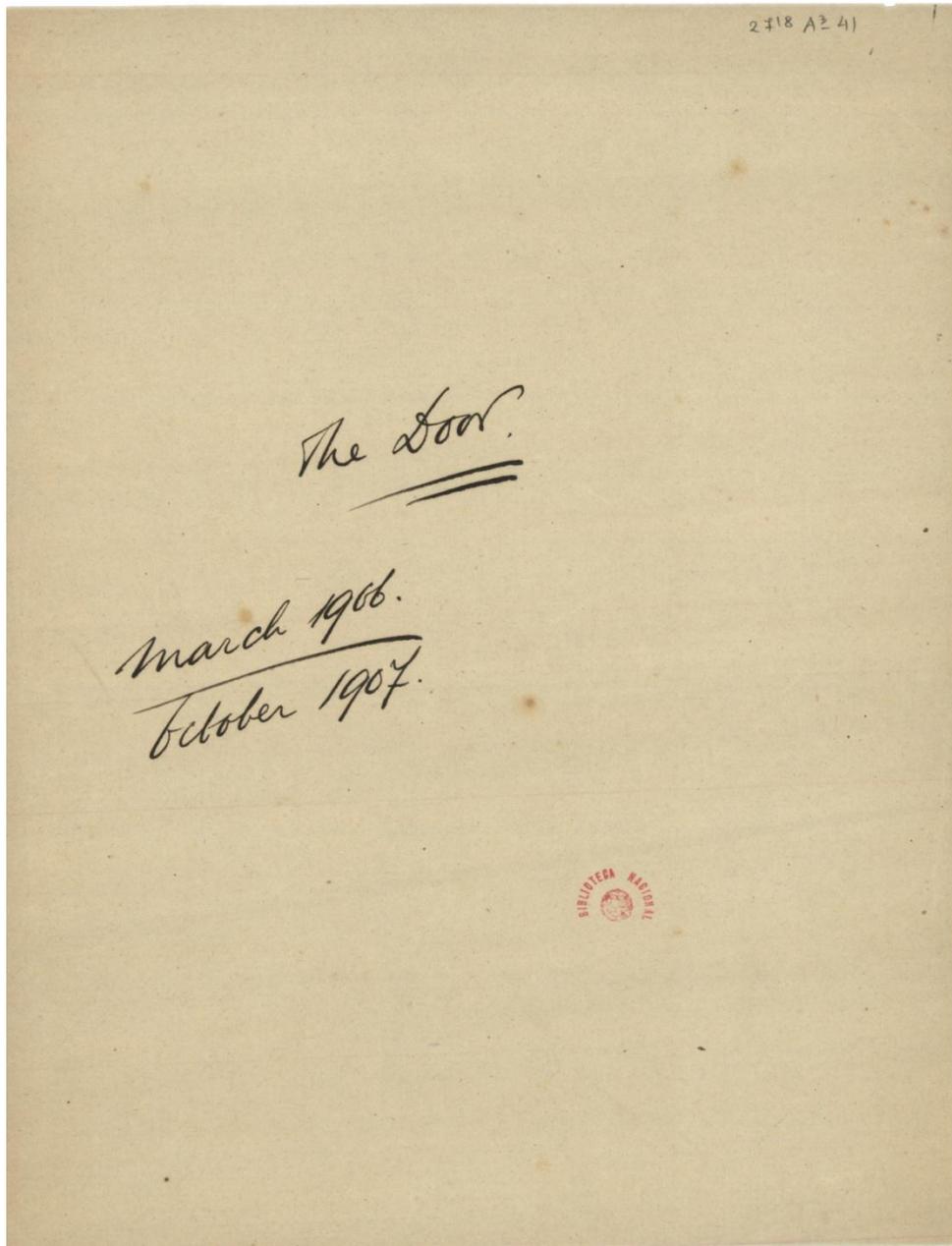


Fig. 2. BNP/E3, 27¹⁸ A³-41^r